

AS HISTORICIDADES DAS MULHERES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD-CAMPO: UM OLHAR A PARTIR DOS ESTUDOS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL¹

MARIA IVENI DE LIMA SILVA²
MARIA GIRLENE CALLADO DA SILVA³
VANESSA AZEVEDO CABRAL DA SILVA⁴

RESUMO

Este artigo é fruto de reflexões e compreensões abordadas na disciplina de Epistemologias do Sul do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEduc), na Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Nesta pesquisa abordamos como questão problema: quais os principais sentidos das historicidades das mulheres negras presentes nos livros didáticos (LD) do Campo? Para tanto, objetivamos identificar/caracterizar e compreender os principais sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras nos LD, e se estes saberes contribuem ou/não na valorização das identidades de mulheres negras. Para esse diálogo abordamos, além da Introdução, reflexões sobre os estudos das Epistemologias do Sul; seguido de um olhar sobre Currículo e Livro Didático; posteriormente apresentamos um percurso teórico-metodológico da pesquisa e uma análise inicial a partir das categorias analíticas, por fim,

¹ Trabalho submetido em 23/10/2018 e aprovado em 26/04/2019. Para citar este artigo: SILVA, M. I. L.; SILVA, M. G. C.; SILVA, V. A. C. A Historicidade das Mulheres negras no livros didáticos do PNLD-CAMPO: uma olhar a partir das epistemologias do sul, **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 34, n. 2, jan./jun., 2019. DOI: 10.33148/CES2595-4091v.34n.220191799. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>. Acesso em: dia mês, ano.

² Especialista em Psicopedagogia Institucional e clínica pela Fundação de Ensino Superior de Olinda; União de Escolas Superiores da FUNESO-UNESE. Pedagoga e mestranda pela Universidade Federal de Pernambuco; Centro Acadêmico do Agreste-UFPE/CAA. E-mail: ivenilima@gmail.com

³ Especialista no ensino de Culturas Africanas, da Diáspora e Povos Indígenas, pela Universidade de Pernambuco-UPE e Pedagoga e mestranda pela Universidade Federal de Pernambuco/ Campus Acadêmico do Agreste-UFPE/CAA. E-mail: girlenecallado@hotmail.com.

⁴ Pedagoga pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Alternativa de Pernambuco – FALPE. Mestranda pela Universidade Federal de Pernambuco/ Campus Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA. E-mail: vanessazevedocabral@gmail.com.

nossas considerações finais. Nos procedimentos metodológicos utilizamos a pesquisa qualitativa e documental pautada na Análise do Conteúdo. Em resposta aos objetivos traçados não encontramos de forma direta historicidades de mulheres negras, principalmente quando observamos os espaços tidos na sociedade como de referências, a exemplo: na política, nas artes, na literatura, no comando de lutas. Desse modo, compreendemos o silenciamento sobre as epistemologias de mulheres negras nos livros didáticos como forma de permanência ao padrão de poder eurocêntrico e no não rompimento com o projeto de Colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Mulheres Negras, Interculturalidade Crítica, Currículo.*

THE HISTORICITIES OF BLACK WOMEN IN TEXTBOOKS OF THE PNLD-FIELD: A LOOK FROM THE STUDIES OF THE EPISTEMOLOGIES OF THE SOUTH

ABSTRACT

This article is the result of reflections and understandings addressed in the discipline of Southern Epistemologies of the Postgraduate Program in Contemporary Education (PPGEduc), at the Federal University of Pernambuco - Agreste Academic Center (UFPE-CAA). In this research we approach as problem question: what are the main meanings of the historicities of black women present in textbooks of the field? In order to do so, we aim to identify / characterize and understand the main meanings attributed to the historicities of black women in textbook, and whether these knowledge contribute or not to the valorization of the identities of black women. For this dialogue we approach, besides the Introduction, reflections on the studies of Southern Epistemologies; followed by a look at Curriculum and Didactic Book; later we present a theoretical-methodological course of the research and an initial analysis from the analytical categories, finally, our final considerations. In the methodological procedures we used qualitative and documentary research based on Content Analysis. In response to the objectives outlined, we do

not find direct historicities of black women, especially when we look at the spaces held in society as references, for example: in politics, in the arts, in literature, in the control of struggles. In this way, we understand the silencing of the epistemologies of black women in textbooks as a form of permanence to the Eurocentric power pattern and in the non-break with the Coloniality project.

KEY WORDS: *Black Women, Interculturality Criticism, Curriculum.*

LAS HISTORICIDADES DE LAS MUJERES NEGRAS EN LOS LIBROS DIDÁCTICOS DEL PNLD-CAMPO: UNA PERSPECTIVA A PARTIR DE LOS ESTUDIOS DE LAS EPISTEMOLOGÍAS DEL SUR

RESUMEN

Este trabajo es fruto de reflexiones y de diálogos abordados en la disciplina de Epistemologías del Sur, del Programa de Postgrado en Educación Contemporánea (PPGduc), de la Universidad Federal de Pernambuco – Centro Académico del Agreste (UFPE-CAA). En esta investigación abordamos como cuestión problema: ¿cuáles son los principales sentidos de las historicidades de las mujeres negras presentes en los libros didácticos (LD) del Campo? Para ello, objetivamos identificar/caracterizar y comprender los principales sentidos atribuidos a las historicidades de las mujeres negras en los LD, y si estos saberes contribuyen o no con la valorización de las identidades de mujeres negras. Para este diálogo abordamos reflexiones sobre los estudios de las Epistemologías del Sur, seguido de una observación sobre Currículo y Libro Didáctico; posteriormente presentamos un recorrido teórico-metodológico de la investigación y un análisis inicial a partir de las categorías analíticas. Por fin, presentamos nuestras consideraciones finales. En los procedimientos metodológicos, utilizamos la investigación cualitativa y documental pautada en el Análisis del Contenido. En respuesta a los objetivos trazados, no encontramos de forma directa historicidades de mujeres

negras, principalmente cuando observamos los espacios tenidos en la sociedad como de referencia, por ejemplo: en la política, en las artes, en la literatura, al mando de luchas sociales. De ese modo, comprendemos el silenciamiento sobre las epistemologías de mujeres negras en los libros didácticos como forma de permanencia del patrón de poder eurocéntrico y del no rompimiento con el proyecto de Colonialidad.

PALABRAS-CLAVE: *Mujeres negras; Interculturalidad crítica; Currículo.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de compreensões, reflexões e do diálogo abordado na disciplina de Epistemologias do Sul do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGduc), na Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE- CAA). As leituras trabalhadas nesta disciplina despertaram em nós, o sentimento investigativo sobre a importância e necessidade de compreendermos quem são as mulheres negras que contribuíram para a história do nosso país e que estão nos livros didáticos, tendo em vista que estes são recursos metodológicos utilizados em salas de aula, como também, de entendermos o silenciamento presente na nossa trajetória do ensino fundamental sobre este tema e ainda hoje na sociedade atual.

Dessa forma, neste trabalho, pretendemos compreender os sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras presentes nos livros didáticos, tendo em vista a importância destes saberes no contexto escolar. Bem como, da necessidade dos saberes das culturas negras, dentre estes, os das mulheres negras que contribuíram para a história do nosso país, estarem nos livros didáticos. Assim, compreendemos que tais conhecimentos são necessários no reconhecimento e afirmação da identidade negra, na diminuição do racismo, dos preconceitos e discriminações que perpassam o cotidiano escolar, contribuindo para rompermos com os processos eurocêntricos.

Na luta pela superação de um quadro de negação de diretos e reconhecimentos das mulheres negras se faz necessário aprofundar uma discussão que valorize a necessidade dos saberes das culturas étnicas no contexto escolar, que leve em consideração a presença dessas mulheres que tanto contribuíram para a historicidade do nosso país. Nesse sentido, apresentamos como questão problema: quais os principais sentidos das historicidades das mulheres negras presentes no LDs do Campo?

O objetivo geral é de compreender os principais sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras. Os desdobramentos seguindo a lógica do nosso objetivo geral foram: a) identificar e caracterizar as histórias presentes nos livros didáticos sobre as mulheres negras; b) descrever quais os sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras nos LDs; e c) analisar nos livros didáticos os elementos presentes nas historicidades que contribuem ou/não para a afirmação étnica de mulheres negras.

Nosso trabalho está organizado de modo a compreender o marco teórico metodológico constituído a partir das categorias teóricas, que além da Introdução pautamos: a) o diálogo com os estudos das Epistemologias do Sul; b) seguido de um olhar sobre Currículo e Livro Didático; c) posteriormente apresentamos um percurso teórico-metodológico da pesquisa seguida de nossas análises; e d) por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 O DIÁLOGO COM OS ESTUDOS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Nesta seção, abordaremos compreensões teóricas epistemológicas que foram sendo tecidas e que nos conduzem a caminhos reflexivos-críticos que nos fazem questionar os “modelos” impostos socialmente que excluem e inferiorizam os saberes que não pertencem ao padrão de poder estabelecido pelos processos coloniais.

Nesse sentido, entendemos que, o estudo das epistemologias do sul vem contribuir para pensar na construção de um conhecimento outro, que rompe com as ideias de conhecimentos superiores, nos mostrando uma pluridiversidade de saberes com as diferenças culturais que nos perpassam. Como também, por pensar essa ótica a partir de uma Interculturalidade Crítica com um posicionamento que questiona os modelos estabelecidos eurocêntricos, para além da Interculturalidade Funcional de mero reconhecimento e oficialização das diferenças.

Assim, contribui e caracteriza como um posicionamento político sobre o padrão de poder estabelecido, pois neste último fator, os saberes dos povos negros são acolhidos superficialmente de modo que, a Interculturalidade Funcional objetiva silenciar os movimentos populares, fazendo com que as diferentes culturas apenas sejam integradas ao modelo social/educacional vigente (TORRES, 2013).

Nesse contexto, a Educação Intercultural Crítica reconhece os povos negros como produtores de culturas, valorizando as vozes que foram negadas no processo da Colonialidade. Segundo Candau e Oliveira (2010) uma Educação firmada na

perspectiva da Intercultural Crítica abre espaço para o diálogo na perspectiva da Pedagogia Decolonial que contribui buscando criar projetos pedagógicos outros para a valorização, reconhecimento e inserção das culturas outras.

Desse modo, o diálogo com os estudos das Epistemologias do Sul se caracteriza por uma opção política, pois é uma abordagem que evidencia valorizar os saberes dos sujeitos que historicamente foram e são inferiorizados perante o sistema eurocêntrico, que por muito tempo impediu que os sujeitos ocupassem seu lugar por direito. Nesse contexto, tendo presente estas reflexões, evidenciamos o conceito de epistemologia que significa:

[...] toda a noção ou ideia, refletida, como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias (SANTOS; MENESES, 2009, p. 9).

Esta afirmação propõe que pensemos nas diferenças enquanto uma ação educativa construída a partir dos diferentes saberes e da consciência epistêmica que as práticas sociais desempenham dentro das questões culturais. Assim, o estudo das Epistemologias do Sul nos ajuda, ainda, segundo Candau (2013), a desvelar esta realidade e favorece uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades.

Refletir sobre as Epistemologias do Sul é um exercício de reconhecimento de si e dos outros, na valorização e validação de seus saberes, organizar os sentidos dos projetos, pesquisas e ações a partir de um olhar sensível de escuta, vivência, entre outras metodologias e aportes teóricos que nos embasam nos estudos do sul. Sair da lógica eurocêntrica de pesquisa nos permite rever “o projeto de colonização que procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 16-17). Portanto, invalidando e silenciando povos, culturas e conhecimentos outros que saíssem dessa dialética:

[...] com isso desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e, muitas vezes, acabaram-se auto-definido) como saberes locais e contextuais apenas utilizados em duas circunstâncias: como matéria-prima para

o avanço do conhecimento; como instrumentos de governo indireto, inculcando nos povos e práticas dominadas a ilusão credível de serem autogovernadas (SANTOS; MENESES, 2009, p. 10).

Assim, as submissões do modelo colonial no desenvolvimento epistemológico, político e social silenciou diversos saberes que, sendo populares, tornaram-se uma espécie de saber renegado e sem validade. Nessa hierarquia, muitas culturas dominadas foram rendidas as dominadoras, de forma que a homogeneização dos povos passasse a ser normalizada, e um saber fosse superior ao outro, inclusive na língua, na etnia, etc. Passando a caracterizar, inclusive, o campo epistemológico num único padrão que não dava conta dos saberes outros existentes, surgindo à necessidade de pensar epistemologias outras.

A diversidade epistemológica do mundo é designada por epistemologias do sul. Santos (2009) nos diz que, o sul é aqui, concebido metaforicamente como um campo convencional da ciência, procurando reparar danos causados pelo sistema capitalista e colonial que impôs seu modelo homogêneo a diferentes povos, sistema esse que os suprimiu historicamente. Essa Colonialidade se apresenta nas desigualdades que encontramos ainda no campo acadêmico, escolar e convivência social.

Falar sobre as mulheres negras na perspectiva das epistemologias do sul é compreender o quanto estas ao longo da história tiveram e têm um papel importante na construção da sociedade, é questionar sua ausência no currículo oficial das escolas, e o porquê historicidades de grupos que não fazem parte do sistema eurocêntrico não tem valor científico. Dessa forma, Azevedo (2018, p.4), nos ajuda a entender que:

[...] o negro era visto como um objeto, que não tinha sentimentos, sonhos, desejos. Colocados a força nas situações mais humilhantes, nas tarefas mais cansativas e degradantes, tinham a sua fé esmagada em todo o período colonial do Brasil e em grande parte de sua independência, mesmo depois da abolição ter sido finalmente ratificada.

As considerações pontuadas por esta autora, em seus escritos nos levam a compreender como os povos negros foram subalternizados ao logo da história. No entanto, a mesma nos chama a atenção para olhar a história a partir de outros ângulos de modo que se perceba os acontecimentos não apenas de cima para baixo,

mas reconhecer o quanto aqueles tidos como “minorias” tiveram histórias de superação e resistência até os nossos dias.

Ao tratar sobre o tema mulheres negras, nos reportamos também aos estudos críticos de Lélia González⁵ sobre o feminismo negro⁶. Lélia foi fundadora do Movimento Negro Unificado - MNU, lutou na sociedade abordando a existência do racismo no Brasil, confrontando as discriminações que as mulheres negras sofriam, a resistência foi um dos legados, um ensinamento deixado por Lélia Gonzalez, em que:

[...] a militância, que não deve se limitar apenas em passeata e cartazes, deve se fazer resistência com a própria vida, ultrapassar os limites que o sistema social impõe. É preciso dominar o campo acadêmico, a política, é preciso trabalhar para se alcançar a liberdade real (AZEVEDO, 2018, p.8).

É preciso reforçar esse legado, questionar e lutar por mudanças no cenário educacional e na sociedade que valorizem os sujeitos e suas diferenças. É por isso, que consideramos importante compreender como estão sendo apresentadas nos livros didáticos historicidades de mulheres negras, por entendermos que esse debate é de suma necessidade para a erradicação de preconceitos, discriminações, e principalmente no que se refere ao racismo epistêmico.

⁵ Lélia de Almeida nasceu em 01.02.1935, em Belo Horizonte – MG. Filha de operário negro e doméstica indígena, Lélia foi a penúltima de dezoito irmãos. Quando ainda era criança, sua família se mudou para o Rio de Janeiro. Seria ali o começo de uma grande história. Já adulta, formou-se primeiramente em Ciências e Letras, nesse período o discurso pedagógico brasileiro e o sistema embranquecido fizeram com que ela negasse suas raízes e ancestralidade; em seguida formou-se em História e Filosofia. Ao cursar História, percebeu as contradições sociais e raciais e que suas verdadeiras raízes eram diferentes e traziam realidades desastrosas e foi então que sua vida e militância no feminismo iniciariam. Casou-se com o espanhol Luís Carlos, e foi aqui que Lélia teve a certeza para que veio. Enquanto namoravam, a família do seu namorado não fez pressão nenhuma, mas, foi a partir do casamento que as coisas começariam a mudar. Não aceitavam a ideia de ter como membro da família uma negra, devido a toda essa discriminação e situação em que ela e seu marido viviam, ele não suportou e veio a suicidar-se. A partir desse triste episódio, Lélia passou a usar o sobrenome González do seu marido como uma forma de homenagem e luta contra a discriminação ao negro e em especial à mulher negra (AZEVEDO, 2018, p. 03).

⁶ O aprofundamento sobre a discussão do feminismo negro não foi objeto desse trabalho.

3 UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO, LIVRO DIDÁTICO

Nesta parte do trabalho expomos compreensões sobre currículo, baseando-nos em autores como: Lopes (2004); Sacristán (2013); Silva (2000); Silva (2015); e no que se refere ao diálogo sobre livro didático abordamos compreensões a partir de: Oliveira (2000); Moreira e Martins (2015). Tais discussões são necessárias para entendermos a construção dos sentidos sobre as historicidades de mulheres negras presente nos livros didáticos.

Nesse sentido, uma ideia que precisa ser apresentada e discutida é a concepção de currículo, que segundo Sacristán (2013, p.17):

O conceito de currículo, desde seu uso inicial, representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que o compõem; é uma espécie de ordenação ou partitura que articula os episódios isolados das ações, sem a qual esses ficariam desordenados, isolados entre si ou simplesmente justapostos, provocando uma aprendizagem fragmentada.

Contudo, o currículo pode ser compreendido também como o “resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir precisamente o currículo” (SILVA, 2000, p. 13). Essa seleção implica em tomada de decisões, resultados de um mecanismo seletivo, de um sistema de poder que exclui e/ou silencia saberes que “socialmente” não fazem parte do corpo de conhecimentos científicos. A seleção curricular, por sua vez, ocupa o campo do ensino e da aprendizagem, pois limita o que será ensinado, tendo como papel ordenar os conteúdos.

Desse modo, é importante que o livro didático expresse um currículo constituído da pluralidade epistemológica e identitária, pois segundo Silva (1999, p.101), o livro didático é também um texto curricular “recheado de narrativas nacionais, étnicas, de gênero e raciais. Em geral, essas narrativas celebram os mitos de origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas”.

Consideramos que para entender a construção de nossa sociedade, e as relações de ensino que são desenvolvidas no currículo das escolas, é importante também, conhecer a história das mulheres que foram marco na historicidade brasileira. Desse modo, partimos de uma questão primeira, crítica e reflexiva que nos leva a pensarmos em: como as relações características de um patriarcado

colonizado pelos portugueses marcou por muito tempo um país que não considerava nem respeitava os povos negros como pessoas de direitos? O que culminou, numa série de discriminações e preconceitos ao longo dos tempos, perpassando até a atualidade.

Contudo, destacamos a importância de pesquisar os sentidos atribuídos às historicidades de mulheres negras no Brasil nos livros didáticos, por compreendermos este material didático para além de meros recursos pedagógicos, mas como um texto curricular em disputa e identitário. Estes textos curriculares possuem a função de serem tradutores e criadores de novos sentidos (SACRISTÁN, 2000), que carregam epistemologias de determinada cultura, negando e silenciando epistemologias outras.

Portanto, o LD como texto curricular é uma via de conhecimentos, podendo privilegiar discursos de uma matriz hegemônica. Este também é compreendido como um produto cultural. Dessa forma, ressaltamos que os materiais didáticos ao privilegiar um discurso de conhecimentos como válidos, acabam por silenciar outros de matrizes culturais como, por exemplo: as matrizes africanas (SILVA, 2016). Assim, segundo Oliveira (2000, p. 127):

[...] o livro didático, estaria, em síntese, prejudicando a população negra. Em primeiro lugar, por veicular uma organização de conteúdo que não permite ao negro ter visibilidade enquanto sujeito do processo histórico. Em segundo, o livro didático mantém a população negra confinada a determinadas temáticas que reafirmam o lugar social ao qual ela está limitada. Por último, foi criticado o fato dos livros estarem substituindo o mito da democracia racial, pelo mito da mestiçagem que anularia a construção de uma identidade negra.

Centrado nestas relações de poder e cosmovisões, evidenciamos que os LD se constituem enquanto seleção e produção de saberes, pois o currículo representa “visões de mundo, de habilidade, de valores, de símbolos e significados, portanto de culturas capaz de instituir formas de organização do que é selecionado, tornando-o apto de ser ensinado” (LOPES, 2004, p.111).

Nesse movimento, os livros didáticos se constituem enquanto um artefato intencional e “representam escolhas, que estão relacionadas com discursos impostos por políticas públicas, práticas de produção editorial, expressando uma relação de ‘decisão’ que é muito comum nas práticas sociais contemporâneas, textualmente mediadas” (MOREIRA; MARTINS, 2015, p.5-6). Assim, compreender como estes

têm feito referência aos diversos grupos étnicos, apresentam-se como um estudo que contribui para favorecer a compreensão e o significado da construção dos sentidos atribuído as mulheres negras.

4 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Nesta seção, abordamos os procedimentos utilizados para esta pesquisa, que nos proporciona os caminhos na construção das análises, tecendo as possibilidades que atende aos nossos objetivos. Pautamos a metodologia a partir da abordagem qualitativa que é profícua para se compreender os estudos sociais. Nesse sentido, Minayo (2009, p.21) ressalta que:

[...] este tipo de pesquisa trabalha com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A abordagem qualitativa, por sua vez, está pautada em uma perspectiva que concebe o conhecimento como sendo um processo que vai se construindo pelos sujeitos em suas interações cotidianas. Neste estudo, utilizamos a Pesquisa Documental que segundo Oliveira (2007, p.69): “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”. Portanto, compreendemos que os livros didáticos são fontes documentais propícios a serem analisados.

No que se refere às fontes documentais, nessa pesquisa fizemos uso dos livros didáticos do PNLD-Campo 2016: a) Novo Girassol: saberes e fazeres do campo (1º ao 5º ano), com 11 exemplares. Tais fontes fazem parte de uma política específica para a Educação do Campo. A escolha dos livros do campo se deu pelo fato de queremos analisar essa historicidade dentro da realidade onde uma de nós trabalha.

Para a análise dos dados, utilizamos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1990), por nos possibilitar acessar os núcleos de sentidos que constituem o nosso objeto. Como também, “a finalidade da análise de conteúdo será, pois, efetuar inferências com base numa lógica explicitada, sobre

as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (BARDIN, 1977; VALA, 1990, p.104).

A primeira fase constituiu-se da seleção do material de investigação (que corresponde aos livros didáticos) e da retomada dos objetivos da pesquisa. A segunda fase correspondeu à exploração do material (a seleção das histórias de vidas de mulheres negras dos livros didáticos) que diz respeito à codificação dos dados transformando os dados brutos em núcleos de compreensão, para deles, inferirmos significados. A terceira fase do procedimento ocorreu com o tratamento dos resultados e as inferências sobre o que foi analisado.

5 INICIANDO NOSSAS ANÁLISES

Os livros didáticos são ferramentas metodológicas que estão diretamente relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem. Por meio deles os estudantes têm a possibilidade de encontrarem e dialogarem sobre diversos assuntos, e muitos deles relacionados ao seu próprio cotidiano. Nesse sentido, identificar e caracterizar as histórias presentes nos livros didáticos sobre mulheres negras é fundamental na construção do entendimento das relações entre as diferentes culturas e o respeito aos outros povos.

Para compreendermos quais eram essas mulheres negras que marcaram a história de nosso país, e nos aproximarmos de suas contribuições históricas, realizamos uma pesquisa na internet. A partir da pesquisa realizada foi possível encontrar mais de 16 historicidades de mulheres negras, no entanto, selecionamos 10 (dez) mulheres que contribuíram e que marcaram significativamente seu espaço/tempo, não só para a construção étnica dos povos negros, mas para a própria narrativa histórica do Brasil.

Essa busca, inicialmente, foi essencial para entendermos o quanto a pesquisa nas redes sociais podem contribuir no acesso a informações essenciais para a desconstrução eurocêntrica, fazendo com que professores/as encontre outras possibilidades de complemento de saber, não concebendo o livro didático como único elemento de conhecimento a ser utilizado, pois no currículo do LD ao privilegiar uma parcela de saber acaba por silenciar conhecimentos de grupos que são tidos como não produtores de epistemologias. Assim, apresentamos, a seguir, um quadro com nomes de mulheres negras e sua importância para a história dos povos negros e do Brasil.

MULHER NEGRA	NASCIMENTO	LUTA	MARCAS NA HISTÓRIA
DANDARA	1600	1630	Ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII, e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa do quilombo.
AQUALTUNE	1500	1565	Princesa-guerreira, um dos maiores símbolos de resistência e luta pela liberdade negra, mãe de um dos maiores líderes pela luta da liberdade negra, e avó de talvez o maior dos líderes da luta contra a escravidão, Zumbi dos Palmares.
MULHERES DE TEJUCUPAPO	-	1646	Conquistaram o tratamento de heroínas, por terem com as armas, ao lado dos maridos, filhos e irmãos, repellido 600 holandeses, que recuaram derrotados das terras pernambucanas.
TEREZA DE BENGUELA	1700	1730-1770	Ela liderou o Quilombo de Quariterê após a morte de seu companheiro, José Piolho, morto por soldados. Segundo documentos da época, o lugar abrigava mais de 100 pessoas, com aproximadamente 79 negros e 30 índios. O quilombo resistiu da década de 1730 ao final do século.
ADELINA	1800	1820	Adelina é um nome pouco conhecido, mas ela não deixa de ser notável por isso. Ela é mais uma mulher negra que lutou contra a escravidão e que teve seu nome invisibilizado na história por causa do machismo e do racismo imposto pelo próprio pai.

Quadro 1: Mulheres negras e suas histórias

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir de compreensões e dos resultados apresentados nos sites pesquisados (GELEDES, 2018; HUUFPOST, 2017).

MULHER NEGRA	NASCIMENTO	LUTA	MARCAS NA HISTÓRIA
MARIA FELIPA DE OLIVEIRA	Data incerta	1822	Queria que o Brasil se libertasse da dominação portuguesa, que para ela era a única responsável pela escravidão dos seus avós e descendentes. Lutou contra a escravidão.
ANTONIETA DE BARROS	1901	1947	Foi à primeira deputada estadual negra do País e a primeira mulher deputada de Santa Catarina. Militou na Frente Brasileira para o Progresso Feminino, lutando pelos direitos das mulheres.
LUÍZA MAHIN	1800	1835-1835	Luíza Mahin, foi uma protagonista importante na Revolta dos Malês, principal articuladora da revolta.
LAUDELINA DE CAMPOS	1904	1936	Fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos no Brasil. Militou na Frente Negra Brasileira.
CAROLINA MARIA DE JESUS	1914	1960	Catadora de papel escrevia sobre a vida na favela. Em São Paulo. É autora de 10 livros traduzidos para 13 idiomas.

Quadro 1: Mulheres negras e suas histórias (continuação).

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir de compreensões e dos resultados apresentados nos sites pesquisados (GELEDES, 2018; HUUFPOST, 2017).

Essa pesquisa nos revela a existência de mulheres negras que foram/são significativas em nosso país e que lutaram por várias causas, sendo importante não só serem lembradas mais valorizadas, pois isso significa não só recontar a história do Brasil e dos povos negros, mas colaborar com o fortalecimento de identidades negras, exclusão de preconceitos, discriminações e até mesmo na permanência dos estudantes negros nas escolas por se sentirem parte do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as referências históricas não seriam apenas as brancas eurocêntricas.

Outro fato em destaque foi a dificuldade de encontrarmos outras referências sobre historicidades de mulheres negras de Pernambuco, pois apenas encontramos dados sobre as mulheres de Tejucupapo, o que nos instiga a necessidade de termos no meio social mais pesquisas e acessíveis que contemplem esse tema.

No entanto, aferimos que não cabe para este texto uma compreensão ampla sobre as mulheres negras que contribuíram e as que contribuem atualmente, na luta política e social no nosso país, tendo em vista os limites que um artigo nos impõe. Procuramos pontuar a necessidade de visibilidade e não mais de silenciamento sobre as mulheres negras, reconhecendo a existência da importância destas, na história de luta no nosso país. A partir desses achados, vamos refletindo como as mulheres negras aparecem nos livros didáticos da educação do campo, desse modo, o quadro a seguir nos encaminha para algumas reflexões.

5.1 MULHERES NEGRAS E OS ACHADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS:

ANO	LD: GIRASSOL	RESULTADO
1º	Livro Integrado: Letramento e Alfabetização/ Alfabetização Matemática. 2016-2018	Nenhum texto referente à historicidade das mulheres negras.
2º	Livro Integrado: Letramento e Alfabetização/ Geografia e História. 2016-2018	Nenhum texto referente a historicidades das mulheres negras
	Livro Integrado: Alfabetização Matemática e Ciências. 2016-2018	Nenhuma referência à historicidade das mulheres negras.
3º	Livro Integrado: Letramento e Alfabetização/ Geografia e História. 2016-2018	Nenhuma referência direta sobre a historicidade das mulheres negras.
	Livro Integrado: Alfabetização Matemática/ Ciências. 2016-2018	Nenhuma referência encontrada sobre mulheres negras.
4º	Livro Integrado: Língua Portuguesa/ Geografia e História. 2016-2018	Referência a uma mulher negra, no texto que trata sobre os Griots, pag:157.
	Livro integrado: Matemática e Ciências. 2016-2018	Nenhuma referência sobre a historicidade de mulheres negras

5°	Livro Integrado: Língua Portuguesa/ Geografia e História. 2016-2018	Nenhuma referência sobre a historicidade de mulheres negras
5°	Livro Integrado: Matemática e Ciências. 2016-2018	Nenhuma referência a historicidade das mulheres negras.
1°, 2°, 3°	Arte. 2016-2018	Nenhuma referência a historicidade das mulheres negras.
4° e 5°	Arte. 2016-2018	Nenhuma referência a historicidade das mulheres negras.
TOTAL	Essa coleção traz um total de 11 livros, em nossas análises encontramos 01 referência indiretamente sobre mulher negra, contextualizando um elemento de sua historicidade	

Quadro 2: Quantitativo de achados encontrados referentes a histórias de mulheres negras em livros didáticos trabalhados nos Anos iniciais do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano):

Fonte: quadro elaborado pelas autoras.

Nesse contexto, apresentamos, a seguir, a imagem-texto que nos referimos como dados encontrados nesta pesquisa, compreendendo que o livro didático apresenta apenas informações sobre a função exercida por uma mulher negra em uma comunidade no continente Africano.

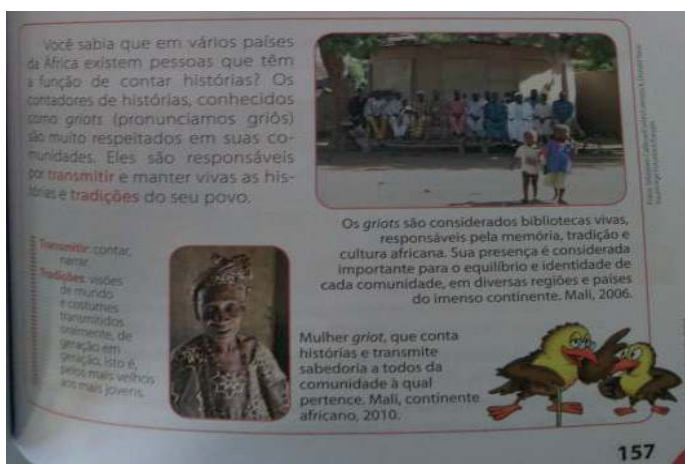


Imagem nº1: Mulher Griot

Fonte: Livro Integrado: Língua Portuguesa/Geografia e História, 4° ano, 2016-2018, p.157.

Pudemos perceber que o material exposto no LD é apresentado como curiosidade, informando que no continente africano existe a função da contação de história e esta função é responsável pela memória, tradição e cultura de seu povo. Ao trazer essa informação o livro didático apresenta a imagem de uma mulher negra Griot (ou seja, que tem a função da contação de história na comunidade).

Ao analisarmos os dados apresentados nesta parte do LD, percebemos a ausência de outros elementos, como por exemplo: é apresentada a função que esta mulher negra exerce em sua comunidade, e essa informação nos faz pensar: esta mulher negra exerce esta função pelo fato de ser a mais velha na comunidade? Por que não apresentar outra informação sobre esta mulher negra? Porque silenciar seu nome, sua história? Já que esta desempenha uma função tão importante na comunidade, que é a perpetuação da cultura a partir da oralidade.

Desse modo, entendemos que apesar do livro didático apresentar um elemento da historicidade de uma mulher negra, que é sua função de contação de história dentro da comunidade, este elemento está dentro de um contexto funcional, de mera informação sem contextualização, ela é vista sem um aprofundamento de suas raízes e de suas lutas.

Portanto, não encontramos de forma direta historicidades de mulheres negras que contribuíram para a história e que poderiam contribuir no contexto escolar, na valorização dos saberes das culturas negras, bem como da mulher negra, ou seja, que pudesse romper com o silenciamento posto sobre a presença das mulheres em espaço como a política, a cultura, as artes, dentre outros.

Assim, compreendemos ser necessário apresentarmos os achados utilizando nosso terceiro procedimento da análise de conteúdo via Análise Temática que corresponde as nossas inferências. Durante a análise dos livros didáticos da Coleção Girassol: Saberes e Fazeres do Campo não identificamos achados que tratassem de forma direta sobre as histórias de mulheres negras.

Em resposta ao nosso objetivo sobre identificar e caracterizar as historicidades das mulheres negras presentes nos livros didáticos, entendemos que a imagem-texto anteriormente apresentado para análise aborda um contexto de valorização de um dos elementos da cultura negra, embora ao ser analisado sobre a ótica do nosso objeto, apresenta de forma limitada a historicidade de mulheres negras, ou seja, apresenta-se em contexto funcional.

Assim, em resposta aos nossos outros objetivos: b) descrever quais os sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras nos livros didáticos; e c) analisar nos LD os elementos presentes nas historicidades que contribuem ou/não

para a afirmação étnica de mulheres negras, aferimos que o sentido apresentado na imagem-texto está na perspectiva da inferioridade, pois mesmo encontrando um fator de historicidade da mulher negra, este, está de forma indireta, ou seja, de forma funcional. O que nos faz refletir sobre o silenciamento desses saberes. Portanto, a partir das análises anteriormente relatadas, pudemos perceber que os dados são limitados, inviabilizando a contribuição para a afirmação étnica de mulheres negras, sendo necessário mais elementos que tratem diretamente sobre tal objeto.

Em resposta a nossa questão problema que trata sobre quais os principais sentidos das historicidades das mulheres negras presentes nos livros didáticos do Campo, foi possível percebermos o sentido funcional e de inferioridade. Compreendemos ser necessária a abordagem sobre historicidades de mulheres negras que foram e são importantes não só para a história e cultura dos povos negros, mas para a própria história do nosso país. São saberes que estão sendo silenciados, excluídos dos currículos oficiais, ocasionando uma hierarquização de saberes, onde o lugar das epistemologias das mulheres negras não constitui papel de representatividade. A não valorização de histórias de mulheres negras perpetua um currículo excludente, limitando a uma parcela de saberes a história e cultura do país.

5.2 OLHARES OUTROS SOBRE A MULHER NEGRA: UM DIÁLOGO COM AS REFLEXÕES PONTUADAS A PARTIR DOS DADOS

As mulheres negras, na Coleção Girassol, não aparecem em contexto de suas lutas, na política, pois são espaços padronizados socialmente como de homens e de referências brancas. Dessa forma, entendemos que as historicidades das mulheres negras são fundamentais para a construção do conhecimento no ensino fundamental, uma vez que o LD é um dos recursos para a prática docente e, muitas vezes, o único instrumento de leitura dos estudantes. É necessário pensar em como a não apresentação das lutas e conquistas dessas mulheres influencia na formação social e individual desses educandos. O que nos faz pensar que o ensino que descentralize e rompa com o racismo e estereótipos ainda está por se fazer.

Quando se fala em historicidade da mulher negra, muitos fatores precisam ser refletidos, entre eles a luta dessas mulheres que tanto fizeram por nossa história conforme vimos brevemente no Quadro 2. No entanto, o que os livros didáticos têm apresentado enquanto conteúdos não alcançam uma dimensão ampla do que constitui as diferenças culturais que se fazem presentes no nosso país.

As relações características de um patriarcado colonizado pelos portugueses, típicas da nossa sociedade brasileira, nos faz refletir que ainda vivemos cercados de preconceitos, racismos e discriminações sejam no dia a dia ou mesmo nos livros didáticos que pouco tem avançado no sentido de apresentar a história real desses povos. Nesse caso “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)” (GOMES, 2005, p. 43).

Desse modo, concordando com Gomes, podemos ressaltar que os direitos são para todos e que os povos de culturas étnicas outras precisam ser respeitados, com a sua dignidade de cidadão que possuem direitos. Em muitos casos, faz com que os sujeitos acabem pensando que os negros e brancos devam ocupar lugares opostos na sociedade, tornando essa situação naturalizada. Esses fatores nos cercam diariamente, perpassando a representatividade dos povos negros ainda como um ser subalternizado e inferior, como tem sido feito com as mulheres negras nos livros didáticos.

Portanto, pensar em um ensino e em materiais que apresentam revisão histórica das mulheres negras do nosso passado, e o estudo da participação delas no presente é pensar em elementos pedagógicos que poderão contribuir também na superação do racismo, dos preconceitos arraigados em nosso imaginário social que tendem a tratar a cultura negra como exóticas ou fadadas ao sofrimento e a miséria.

É preciso considerar novos discursos nas escolas e nos materiais que chegam até estas, no sentido de pensar em elementos que contribuam para a afirmação ética das mulheres negras, da cultura negra de forma geral. Compreender as mulheres em sua totalidade é percebê-las enquanto pessoas que tem uma cultura própria e uma história permeada por muitas lutas e resistências que carecem de ser refletidas e valorizadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que, trabalhos como este, no qual procuramos compreender os principais sentidos atribuídos às historicidades das mulheres negras, nos ajudam a perceber como a lógica colonizadora, por muito tempo, fez e faz parte das produções escritas que chegam as escolas. O gênero feminino foi importante porque nos ajudou a perceber o papel das mulheres negras e como elas são discutidas nos livros didáticos, destinados para o Campo.

A partir do que foi apresentado anteriormente e tendo em vista o silenciamento sobre as historicidades das mulheres negras na constituição da história do nosso país nos livros didáticos, achamos necessário abordar a seguinte reflexão: quem são as mulheres negras que contribuíram na história do nosso país? Tal questionamento nos levou a outros fios reflexivos, por que há um silenciamento nos LD sobre as mulheres negras? Será que na constituição histórica da nossa nacionalidade nenhuma mulher negra participou de forma ativa nas lutas sociais?

Tais questionamentos são reflexões para nos levar a pensar o quão ainda é forte a presença da Colonialidade do Poder, e, principalmente do Saber que nega e silencia outros saberes que não fazem parte do que é tido como conhecimento científico, válido a ser ensinado, ou seja, saberes que não correspondem ao sistema eurocêntrico do padrão: homem, branco, heterossexual, cristão, urbanocêntrico (QUIJANO, 2005).

A compressão que estamos tendo no decorrer dessa pesquisa é de que: é preciso que o currículo das escolas possibilite o diálogo com os saberes dos povos negros, indígenas, e dentre esses saberes a não exclusão das historicidades das mulheres mostrando o quanto essas foram e são importantes para nossa história, de modo que os alunos percebam o quanto estas, contribuíram também, para a construção de elementos históricos no que se refere à luta por direitos, respeito e reconhecimentos em diferentes espaços.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. Conheça dez mulheres negras que fizeram história na América Latina e no Caribe. **GELEDES**. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-dez-mulheres-negras-que-fizeram-historia-na-america-latina-e-no-caribe/>. Acesso em: 23ago. 2018.
- ARRAES, J. 15 Heroínas Negras do Brasil ganharam biografias em cordéis. **HuffPost Brasil**. 2017. Disponível: https://www.huffpostbrasil.com/2017/05/25/15-heroinas-negras-do-brasil-ganharam-biografias-em-cordeis_a_22110036/. Acesso em: 25 fev. 2018.
- AZEVEDO, L. R. de. LÉLIA GONZÁLEZ: UM LEGADO PARA O FEMINISMO E O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS 10., 12-17 out. 2018, Uberlândia. **Anais [...]** **Uberlândia, MG: UFU**. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. **Coleção Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo**. São Paulo: FTD, 2016.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CANDAU, V. M. F.; OLIVEIRA, L. F. de. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p.15-40, abr. 2010.
- GOMES, N. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005.
- LOPES, A. C. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, maio/jun./jul./ago, 2004.
- MOREIRA, M. C. do A.; MARTINS, I. A influência da pesquisa acadêmica em Livros Didáticos de Ciências: uma contribuição para o currículo de Ciências. *In*: ANPED, 37, 2015, Colocar o Local. **Anais [...]**. LOCAL: Insituição Organizadora, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/>.

- MINAYO, C. de S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S. F; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- OLIVEIRA, M. A. de. **O Negro no ensino de história: temas e representações**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- QUIJANO, A. Colonialidade do Poder. *In*: LANDER, E. (org.). **A Colonialidade de Saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latinoamericanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLASCO, sept, 2005.
- SACRISTÁN, J.G. **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre Penso, 2013.
- SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. Introdução. *In*: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 419-441.
- SILVA, F. G. P. da. **Os Paradigmas que Alicerçam os Livros Didáticos de História e Geografia da Coleção Didática Projeto Buriti Multidisciplinar: um Olhar Através das Epistemologias do Sul**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2015.
- SILVA, M. I. de L. **As Representações das Culturas Negras nos livros didáticos da Coleção do PNLD/Campo Projeto Buriti Multidisciplinar 2013: um olhar através dos Estudos Pós-Coloniais**. 2016. (Monografia), Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste UFP-CAA, 2016.
- SILVA, T. T. da. **Teorias do Currículo: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TORRES, D. X. **Concepções de Avaliação da Aprendizagem de professoras que atuam em escolas situadas em áreas rurais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

TORRES, F. **Biografias de mulheres negras que marcaram a história do Brasil.**

Disponível em: www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/05/30/internas_viver,706349/obra-reune-biografias-de-mulheres-negras-que-marcaram-a-historia-do-br.sht. Acesso em: 03 maio 2018.

VALA, J. A. Análise de Conteúdo. *In*: SILVA, A. S.; PINTO, J. M. (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 4. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1990.